

TRANS-INTIMIDADE
BAQUE, DE GAYA DE MEDEIROS
AFONSO BECERRA



SINAIS DE CENA III.2
DEZEMBRO DE 2023

BAqUE

DIREÇÃO E PRODUÇÃO: Gaya de Medeiros

COCRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO: Ary Zara, Lari Tav (Labaq), João Leonardo,
Gaya de Medeiros, Eric Santos

DRAMATURGIA: Keli Freitas, Gaya de Medeiros

DIREÇÃO MUSICAL: Lari Tav

FIGURINOS: Raphael Fraga

DESENHO DE LUZ E ESPAÇO CÉNICO: Tiago Cadete

DIREÇÃO TÉCNICA: Ricardo Pimentel

TÉCNICO DE LUZ: Lui L'Abbate

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Carol Goulart e Gestão Irreal

APOIOS: Espaço Alcantara, Programa de Residências – O Rumo do Fumo,
Câmara Municipal de Lisboa / Polo Cultural Gaivotas | Boa Vista

COPRODUÇÃO: Bolsa de Criação O Espaço do Tempo, com o apoio do BPI e da
Fundação “La Caixa”; Teatro do Bairro Alto; A Oficina / Centro Cultural Vila Flor

LOCAL E DATA DE ESTREIA: Estreia absoluta 12.º GUIDance. Palco do Grande

Auditório Francisca Abreu do Centro Cultural Vila Flor de Guimarães,

2 de fevereiro de 2023

A vida está cheia de baques. Embora não os procuremos, eles vêm – e depois, se calhar, até podemos aprender e mudar alguma coisa por causa deles. Um dos primeiros ou principais pode ser o corpo, que materializa a nossa identidade de género, ditada pela biologia, esquecendo a nossa vontade. Os corpos são aquilo que nos torna visíveis e sensíveis, portanto condicionam o olhar das outras pessoas e a construção identitária que partilhamos. Aliás, a nossa presença física vem carregada de passado, de todo o vivido e, de maneira subtil ou evidente, está em constante transição e mudança. Nunca somos exatamente as mesmas pessoas. A consciência e manipulação dessas mudanças e transições pode constituir, na sua performatividade, uma das mais felizes operações da ação nas artes cénicas, porque não podemos esquecer que a ação é um dos pontos fulcrais das mesmas. Mas, na atualidade, acrescentam-se ainda mais níveis em que as diversas camadas de realidades se cruzam e revelam os mecanismos de construção.

Assente em parâmetros próximos e com o mote do “trans” por bandeira, um dos festivais internacionais de dança contemporânea mais conceituados do Norte de Portugal, o GUIDance de Guimarães, na sua 12.ª edição de 2023, celebrou-se colocando na linha da frente: “Natureza, trans_ formação e outras práticas sensíveis: a felicidade que nos aguarda”, em palavras do seu diretor artístico, Rui Torrinha.

O espetáculo que abriu o festival também atuou como uma declaração de princípios no que diz respeito à expansão do campo sensível, por muitos motivos, alguns dos quais vou tentar expor aqui. Aliás, tratou-se de uma coprodução do próprio GUIDance, outro fator que delata uma aposta muito decidida. Na caixa cénica do Grande Auditório Francisca Abreu do Centro Cultural Vila Flor (CCVF), no dia 2 de fevereiro de 2023, acontecia a estreia de *BAqUE*, de Gaya de Medeiros, em criação e interpretação com Ary Zara, Lari Tav, João

IMAGENS

BAqUE DE GAYA DE MEDEIROS. ESTREIA ABSOLUTA 12.º GUIDANCE.

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO FRANCISCA ABREU DO CENTRO CULTURAL VILA FLOR DE GUIMARÃES, 2023.

[F] PAULO PACHECO.



Leonardo e Eric Santos. Direção e produção de Gaya de Medeiros, que também se ocupa da dramaturgia juntamente com Keli Freitas. Direção musical de Lari Tav. Figurinos de Raphael Fraga. E desenho de luz e espaço cénico de Tiago Cadete. Uma peça criada e interpretada integralmente por pessoas trans.

Poucos dias antes, a 19 de janeiro, no Teatro Municipal São Luiz de Lisboa, a atriz trans Keyla Brasil saía de entre o público e subia ao palco, interrompendo a apresentação da peça *Tudo sobre a minha mãe* (uma adaptação teatral do filme de Almodóvar), para denunciar a prática “*transfake*”, porque no elenco um ator, homem cis, fazia o papel de uma mulher trans, a personagem Lola. Esta ação reivindicativa de boicote causou uma grande controvérsia no setor artístico e não só. Anteriormente, sobretudo através das redes sociais, muitas pessoas trans e outras cisgénero envolvidas igualmente na causa difundiram e apoiaram o manifesto *Diz não ao casting transfake*, redigido por Dusty Whistles, entre elas profissionais das artes performativas como o duo Fado Bicha ou mesmo uma das pessoas que fazem parte da equipa artística de *BAqUE*, Ary Zara.

Houve quem dissesse, nas redes sociais, contra as reivindicações do coletivo trans sobre o casting *transfake*, que a arte da atriz e do ator consiste, precisamente, em interpretar qualquer papel independentemente do género da personagem e que, portanto, não faz sentido que se a personagem é trans tenha de ser interpretada por uma pessoa trans. Mas essas pessoas, que dão a máxima legitimidade ao estatuto da ficção teatral, esquecem que nas artes vivas as presenças reais, os corpos e as corpas, também afetam a receção e influem no sentido. Escrevo “corpas” para me juntar a essa transgressão linguística que inclui outras realidades na linguagem, tal como faz Cláudia Galhós na folha de sala do referido espetáculo. Tudo isto sem entrar nas justas

reivindicações do coletivo trans no que diz respeito às condições de vida e laborais, sobre a exclusão de pessoas trans do acesso ao trabalho artístico, além da privação do exercício da sua própria representatividade.

Qualquer pessoa que não esteja totalmente fechada e que pudesse ver *BAqUE*, de Gaya de Medeiros, compreenderia de uma maneira experiencial a importância das presenças e as energias autênticas no palco.

Este espetáculo, que não põe ênfase no saber fazer, na exibição de destrezas artísticas, embora o elenco seja altamente competente, mas num especial envolvimento no estar e no ser, é uma impressionante demonstração de que o encontro teatral não pode ficar só numa peça. *BAqUE* vai além da ideia ou do conceito de peça, como construção artística autónoma que se relaciona com o mundo através de figuras retóricas ou da imitação virtuosa, para pôr em foco qualquer tema ou aspeto. *BAqUE* é o que o próprio título anuncia, mas de uma maneira cuidadosa, terna, atrevida, sincera. Na extensa folha de sala, em que Cláudia Galhós nos oferece uma demorada e profunda análise, podemos encontrar a informação sobre a sua procedência num texto de Fabrício Garcia sobre o nascimento das girafas: “Toda girafa dá à luz em pé / o primeiro contato do filhote com o mundo acontece a partir de uma queda barulhenta / a mais de 2 metros de altura. Os filhotes de girafa já nascem sabendo andar, (...) é a relação íntima com o baque que prepara o corpo p’ra vida.”

BAqUE celebra e partilha connosco corpas únicas de pessoas trans igualmente únicas, fora dos clichés e estereótipos que os nossos preconceitos foram capazes de construir sobre pessoas transgénero. Facilita um olhar cúmplice e amigo, porque nos oferece uma intimidade que transcende o mero exibicionismo e o circunstancial, embora algumas circunstâncias passadas estejam presentes, para promover a comunhão.





O movimento, as canções, a música, as presenças, são delicadas e poderosas ao mesmo tempo. Nusas, cruas e poéticas.

A peça parece, por vezes, tosca, como uma brincadeira de crianças que experimentam um espaço que elas mesmas podem construir ou imaginar. Mas nesse espaço dinâmico dançam os afetos, como dançam essas corpos jovens, fora dos cânones e dos corpos que são objeto de consumo. Conseguem belas metáforas em jogos performativos e nunca perdem a inteligência do humor e da piada irônica.

O questionamento das normativas e padrões, que acabam por restringir e marginalizar pessoas, é feito aqui sem violência nem imposições, de forma simples e próxima. Há uma abolição das hierarquias que podem parecer consubstanciais à organização de qualquer grupo

humano e de qualquer relato que deve selecionar e gerir os elementos da sua composição para ficar numa linha principal. Até a própria palavra que dá título à peça faz que aquele “q” (o quê) caia do regime das maiúsculas, para nos mostrar de forma lúdica, sugestiva e não normativa, que a vida também se compõe do aparentemente minúsculo. A fragmentação das cenas ou passagens, em contiguidade, e a disposição em paisagem com todo o elenco permanentemente presente no palco, onde também está o público, a três bandas à volta do espaço de jogo, ao mesmo nível, sem a separação plateia/palco, contribuem para essa “de-hierarquização” e facilitam uma proximidade favorável à comunhão e aos afetos.

A liberdade é algo que só se pode conseguir em comunidade, mas para isso é necessária a generosidade de as pessoas se mostrarem



tal qual se sentem. Para sermos livres em comunidade, que é a única maneira de podermos viver, necessitamos de poder expressar os nossos desejos, com cuidado e respeito. Necessitamos de brincar, rir, dançar e falar, falar muito e profundo, falar olhos nos olhos até sem palavras. Ouvir, aceitar. Tudo isto que pode parecer obviedade ingénua faz parte da ação primordial deste espetáculo. E não é pouco, de modo nenhum, porque no nosso dia-a-dia, e também nos teatros, estamos acostumados a que a intimidade, o pequeno, o subtil, os desejos, fiquem de fora. O medo vai balizando as relações no trabalho, na rua, nos espaços de lazer, no teatro e até nas famílias e com as amigadas; por isso, se calhar, é tão difícil conhecer alguém de verdade. O grande assombro e descobrimento que nos traz *BAqUE* é precisamente essa oportunidade para conhecer, nos pormenores escolhidos para compor esta dramaturgia, cada uma dessas pessoas únicas

e insubstituíveis. Portanto, a sensação de partilha é muito intensa, assim como a sensação de sermos convidados a entrar num mundo inabitual, num mundo em que tudo pode ser possível e, além disso, com a previsão de que esses horizontes, qualquer horizonte que se puder abrir vai ser bom, vai levar-nos a um lugar feliz.

Assistir a um espetáculo que, sem confissões dramáticas nem uma arquitetura dramática feita para cativar pela intriga de uma história exemplar, nos faça conhecer pessoas com histórias dissidentes e, se calhar, muito afastadas das nossas realidades é uma experiência emocionante e muito valiosa. Por isso, toda a riqueza e complexidade de perceções sobre Ary Zara, Lari Tav, João Leonardo, Gaya de Meireiros e Eric Santos não são para explicar aqui, como se de personagens teatrais se tratasse. O que o espetáculo propiciou foi algo tão vivencial que só naquele encontro se pode pegar nessas profundezas e na alegria que as acompanha.

A questão da identidade de género atravessa a *performance* de uma maneira transversal e não tematizada. Não se fala nisso nem se coloca nenhum foco aí, simplesmente podemos ver e sentir pessoas muito singulares que trazem nas suas corpos algumas marcas, de diferentes tipos, de quem não ficou conformada com a eleição que fez por ela a biologia ou a sociedade e as suas formatações. Pessoas que podem representar a procura e a fidelidade corajosa aos desejos e aos sonhos, para fazer essa transição que chega a nós pela via dos próprios desejos e dos sonhos, pela via das vidas, naqueles pormenores que fazem a diferença. ✨

AGRADECIMENTOS A CÉLIA GUIDO MENDES E MIGUEL CUPEIRO PELA AJUDA NA REDAÇÃO DO ARTIGO.